

III.10. Singularità novecentesche

Testo 10.5 Vitorino Nemésio [João Garcia e Margarida] in *Mau Tempo no Canal* (1944), *Relógio d'Água*, Lisboa, 2004, pp. 29-32.

Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva nacque a Terceira, una delle nove isole delle Azzorre nel 1901 e si spense a Lisbona nel 1978. Poeta, narratore, cronista, critico letterario, Vitorino Nemésio fu anche una delle prime figure di intellettuali per così dire «mediatici» per la popolarità che arrise al suo programma televisivo (*Se bem me lembro*) di divulgazione culturale trasmesso settimanalmente dalla televisione di stato portoghese (RTP) tra il 1969 e il 1975. Formatosi al Liceo di Horta e poi all'Università di Coimbra, iniziò la carriera accademica presso la Facoltà di Lettere dell'Università di Lisbona dove avrebbe insegnato (tra le altre discipline, anche la letteratura italiana) per circa 40 anni. Della copiosa produzione poetica che copre quasi l'intero arco della sua biografia si distaccano due momenti: quello iniziale (*O Bicho armonioso* e *Eu, comovido a Oeste*) in cui le formule *presencistas* vanno attenuandosi per lasciar spazio all'evo-cazione della terra natale in nome di una *açorianidade* che è ricerca delle radici culturali e affermazione di identità; e un altro successivo (*O Pão e a Culpa*, 1955; *O Verbo e a Morte*, 1959) in cui le isotopie tematiche esplorano il campo liturgico e teologico. Come narratore, il suo nome è indissolubilmente legato al romanzo composto tra il 1939 e il 1944 (anno di pubblicazione): *Mau Tempo no Canal*. Salutato dalla critica come uno dei romanzi esemplari della nuova nar-rativa degli anni Quaranta, *Mau Tempo no Canal* funziona come inizio di quel processo di affran-camento del romanzo portoghese dalle sue matrici ottocentesche (camiliane e queirosiane) e inscena, in un perturbante e primordiale spazio di azione tra terra e mare, quale è il canale tra Faial e Pico, la disgregazione di una società borghese e del suo mondo di cui la famiglia Clark Dulmo è testimone dalla periferia della periferia d'Europa. Nel primo capitolo del romanzo, il lettore assiste alla scena del commiato fra la protagonista Margarida Clark Dulmo e João Garcia, in partenza per il servizio militare: e subito scorge come l'amore fra i due sia clandestino e contrastato dalla famiglia di Margarida per la quale si sogna un matrimonio di convenienza per sollevare le sorti dei Dulmo, ormai caduti in disgrazia per la cattiva gestione del patrimonio da parte del padre Diogo e per la crisi del ciclo economico della caccia alla balena.

Capítulo I A SERPENTE CEGA

– Mas não voltas tão cedo...

João Garcia garantiu que sim, que voltava. Os olhos de Margarida tinham um lume evasivo, de esperança que serve a sua hora. Eram fundos e azuis, debaixo de arcadas fortes. Baixou-os um instante e tornou:

– Quem sabe...?

– Demoro-me pouco... palavra! Cursos de milicianos... Moeda fraca! Para a infantaria, três meses. Se não fecharem os concursos para secretários-gerais, então aproveito. Bem sei que há só três vagas e mais de cem bacharéis à boa vida... Mas não tenho medo das provas. Bastam algumas semanas para me preparar a fundo... rever a legislação.

Entrava em pormenores. Margarida ouvia-o agora vagamente distraída, de cabeça voltada às nuvens, como quem tem uma coisa que incomoda no pescoço, um

mau jeito. O cabelo, um pouco solto, ficava com toda a luz da lâmpada defronte, de maneira que a testa reflectia o vaivém da sombra ao vento.

Estavam quase ao alcance da respiração um do outro: ela debruçada num muro de pedra de lava; ele na rampa de terra que bordava a estrada ali larga, acabando com a fita de quintarolas que vinha das Angústias até quase ao fim do Pasteleiro e dava ao trote dos cavalos das vitórias da Horta um bater surdo, encaixado. Dali a entrada da quinta corria um muro de pedra solta onde espreitavam trepadeiras, e só a uns vinte metros se erguia a parede nobre com o grande portão verde de padieira grossa, que ao abrir bem atrás, devido a uma posição mal calculada, batia na borda da sineta arrematada do naufrágio de um veleiro. Do lado oposto à cidade a estrada descrevia uma curva ao longo de muros de cerrados, onde os grilos pareciam, de Verão, o queixume da ilha abafada e em que pairava agora um pasmo solto de tudo, menos do mar. As lâmpadas da rede, lá para Porto Pim, faziam mais escura a massa de águas que devia rolar enrefegada a um começo de vento levantado, pouco e já duro. De vez em quando, o cão da quinta dos Dulmos, poucos metros atrás de Margarida, esticava a corrente e rosnava.

– *Açor!*... Eu nem devia falar contigo a esta hora, com o avô assim tão doente! O pai já anda desconfiado...

– E que tem?! Não é a última vez?...

– Última?... credo! Isso, nem que tudo acabasse. Mesmo que Lisboa te faça esquecer de mim, somos da mesma ilha, quase vizinhos... apesar do que se passou. Do Granel do avô via-te ir todas as tardes pela muralha fora. Oh! muito antes de perceber...! Nem me passava pela cabeça! É que não posso estar muito tempo fechada; dá-me a impressão de que abafou... até nas Vinhas! Olha que no Pico é a mesma coisa...

– Já não sei quantas vezes te ouvi isso! Naturalmente, também, se vieste aqui hoje, foi para não estares fechada... – disse João Garcia, sorrindo e desenrolando um fio de despiques pequeninos, a linha mais excitante de um namoro em que era a quarta ou quinta vez que se falavam. Mas o cão estava insofrido e ameaçava arrastar a casota para junto de Margarida. Era um cão de fila, um «rabo-torto» da Terceira, espécie de buldogue atarracado e cor de rolão. João Garcia viu-lhe as orelhas cortadas e guichas do lado de dentro da quinta, num salto de pêndulo que lhe punha as virilhas à mostra, e correspondia, na instabilidade, à posição do namorado na rampa de terra da estrada, que o obrigava a escorregar e a trepar alternadamente, para não perder o contacto com a borda do muro. De mais a mais, o vento começava a enrodilhar as folhas das faias e dos cedros, e de baixo, do caminho, tornava-se difícil perceber o que se dissesse em cima. Margarida atirou-se ao animal:

– Ache! Vá-se deitar, *Açor!* Vá-se deitar! – E ficou de mão espalmada na cabeça quadrada do bicho, que meteu para as patas de trás o inútil vigor de sentinela.

João Garcia fincara os pés na rampa e as mãos no muro, elevando-se como se estivesse a trabalhar de espaldar. A fúria do cão enchia-o de um atrevimento nervoso, como se Margarida estivesse em perigo ou o quisesse experimentar criando-lhe um inimigo inferior. Agora era o *Açor* que o via em posição de ataque, só a cabeça e os cotovelos. Açalado por aquela sombra, o cão atirou-se por cima da dona ao vulto, de gorgomilos rascantes estrangulados na coleira. com o impulso, Margarida resvalou; mas, apanhando rapidamente o casaco cinzento que pusera pelos ombros, fez frente à fera, intimidando-a. João Garcia, de um salto, tinha-se posto ao pé dela.

– Cuidado, que te morde! – gritou Margarida; e, vendo a cobardia do cão e o perigo de falar alto: – Deixa... podem-nos ver! Não, não foi nada. Só me rasguei na saia. – Sacudiu-se. Mas a rapidez da cena fizera-a logo esquecer que João Gar-

cia estava da parte de dentro da quinta; deixou que ele lhe pegasse na mão raspada pela queda, atento ao arranhão como um enfermeiro profissional. – Não tem importância nenhuma. – Mas ainda assim havia sinal de sangue. Voltou-se para o cão: – Estúpido! Deite-se! Ah, seu estúpido!

O *Açor* parecia realmente despido da sua pele de cão de guarda, de olhos espantados e fitos naquele par misteriosamente formado, com uma trepidação nas beícanas pendentes, escorridas de baba. Como que lhe tinham transtornado o campo de operações: a sombra inimiga estava de portas adentro de um lugar que ele tinha obrigação de manter limpo de todos os vultos que ali se atrevessem sozinhos, mas em cuja população acompanhada pelos donos não tinha nada que cheirar. E se conservava um resto de gana no lombo e no focinho anelante, traduzida num rosnar que o vento levava em dueto, é que há sempre intervalo entre um corte de corrente e o parar do motor.

Então Margarida tomou mais consciência da situação em que estavam, e, tornada ao ponto em que a sua recente intimidade com João Garcia recuava sobre o antigo constrangimento de dois estranhos, disse-lhe:

– Vá-se! Podem ver da estrada...

– Não vêm. Comigo no caminho é que é pouco prudente. Agora que nos vamos separar, sempre te digo que temos facilitado um pouco. Esta gente da vizinhança é linguareira; mas como havia de ser? Quando eu voltar é outra coisa. Se fizer concurso...

Se for nomeado... Mesmo que fique número três... O número três deve ir para Bragança; é frio... Dali a um ano... não? Ficou à espera, tomando-lhe a mão com doçura. Margarida ouvia-o como se estivesse longe e chegasse muito devagar ao calor de tais propostas.

– Deus sabe o que nos espera, daqui até lá... – E, vendo-se outra vez entre João Garcia e o cão ainda desconfiado e coçando uma orelha à pata, aplicou o ouvido à estrada. Foi ao muro: Está sempre a passar gente.

João Garcia espreitou, na ponta dos pés; dois vultos dobravam o começo da curva, seguidos das sombras disformes:

– Meu tio Ângelo e o Pretextato... Vão dar a sua volta. Quanto mais perto estivermos da lâmpada, pior!

Ao nome de Ângelo Garcia, Margarida perdeu o alvoroço em que a presença do namorado e os nervos do cão a punham. A recordação do maricas acordava nela a soberba dos Clarks, aquele sentimento maciço, enjoado e um pouco cínico, que contribuía para correr Januário Garcia do escritório da casa Clark & Sons e envolvia a família Garcia num desdém mais snob do que odiento. Representou-se-lhe Ângelo de bigodinho frisado a ferro, faces de menina, o cabelo ruço e melado sob o chapéu de coco, correndo as casas da Horta com o seu pezinho atrasado. A ideia do avô sempre doente em casa ligou-se-lhe à rápida repulsa. O pai – fora. A mãe – sentada ao pé da *voltaire* do avô, embrulhada no cachiné¹ das noites compridas, com uma irritação a que o seu feitio romântico dava uma poesia desafinada, das pessoas que choram e riem sem ter de quê. Olhou para o casarão engolido no escuro da quinta, apenas visível pela esteira de luz que vinha do quarto do avô quebrar-se na janela da saleta. Um pé-de-vento abalou as faias e os cedros, levantando-lhe a ponta do casaco e uma mecha de cabelo.

João Garcia tinha de novo a mão dela nas suas, mas aquela pausa como que a cortara do braço de Margarida. Ia a dizer-lhe outra vez que se fosse, atraída para os lados de casa, quando sentiu melhor o calor daquele homem parado no meio das

árvores, ali ao pé dela e a uma distância que a viagem de Lisboa tornava saudosa e sem fim. João Garcia pareceu entender este íntimo movimento e sossegou-a:

– Não tenhas medo. Então não estou ao pé de ti e não hei-de voltar daqui a meses?...

– Mas há tão pouco que nos falamos, e entrases na quinta assim de noite! Se nos vissem...

– Teu pai vem tarde.

– Às vezes entra pelo portão da canada...

– Salto o muro.

Os cedros tornaram a ramalhar bruscamente. Agora as guinadas do vento ripetiam-se. Vinha certo no silenzio e sperimentava fortemente as árvores, che durante um segundo descrivevano un círculo cheio, como piões no torpor. Mas entre duas lufadas a quinta cerrava-se outra vez; ficava tudo compacto, debaixo de um bafo. Um cheiro a lava salgada e a seiva de cedro inebriava.

1. *Cachiné* è il lungo foulard indossato dalle donne portoghesi.

Capitolo I IL SERPENTE CIECO

– Ma non torni tanto presto...

João Garcia ha garantito che sì, sarebbe tornato. Gli occhi di Margarida avevano una lucentezza evasiva, di speranza che serve al momento. Erano profondi e azzurri, sotto arcate forti. Li abbassò un momento e disse:

– Chi lo sa...?

– Sto via poco... parola! Corsi di miliziani... Moneta debole! Per l'infanteria, tre mesi. Se non chiudono i concorsi da segretario generale, intanto ne approfitto. So bene che ci sono solo tre posti e più di un centinaio di laureati alla bella vita... Ma non ho paura delle prove. Bastano alcune settimane per prepararmi bene... ripassare i codici.

Stava entrando nei particolari. Margarida lo stava ascoltando vagamente distratta, la testa rivolta verso il cielo, come chi ha un qualcosa che gli dà fastidio sul collo, un gesto irrequieto. I capelli un po' sciolti, era rimasta con tutta la luce della lampada di fronte, in modo che la fronte rifletteva l'andirivieni dell'ombra al vento.

Erano quasi alla portata del respiro uno dell'altro: lei appoggiata a un muro di pietra lavica; lui sulla rampa di terra che circondava l'ampia strada, che terminava con la fila delle villette tra le *Angústias* e quasi la fine del Pasteleiro e dava al trotto dei cavalli delle vittorie di Horta un battito sordo, ovattato.

Da lì, dall'ingresso della tenuta, correva un muro di pietra discontinua in cui si nascondevano rampicanti, e solo a una ventina di metri si ergeva la parete nobile con il grande cancello verde di architrave spessa, che all'apertura, proprio dietro, a causa di una posizione calcolata male, batteva il bordo della campanella che proveniva dal naufragio di un veliero. Dal lato opposto alla città, la strada descriveva una curva lungo i muri dei recinti, dove i grilli sembravano, in estate, il lamento dell'isola soffocata e in cui fermava ora uno stupore libero da tutto, tranne che dal mare. Le lampade della rete, lì verso Porto Pim, rendevano più scura la massa d'acqua che doveva rotolare avvolta a un inizio di vento che si stava alzando, poco e ormai duro. Di tanto in tanto, il cane della tenuta dei Dulmos, pochi metri dietro Margarida, tendeva la catena e ringhiava.

– *Açor!*... non dovrei neppure parlare con te a quest'ora, con il nonno che sta così male! Papà è molto sfiduciato...

– E cos'ha?! Non è l'ultima volta?...

– Ultima?... accidenti! Sì, se tutto questo finisse. Anche se Lisbona ti farà dimenticare di me, siamo della stessa isola, quasi vicini... nonostante quel che è successo. Dal granaio del nonno ti vedevo andare via tutte le sere al di là della muraglia. Oh! Molto prima di capire...! Non mi passava proprio per la testa! È che non riesco a stare molto tempo rinchiusa; mi dà la sensazione di soffocare... anche nelle Vigne! Anche a Pico è la stessa cosa...

– Non so più quante volte ti ho sentito dire queste cose! Naturalmente, se sei venuta qui anche oggi, è per non stare rinchiusa... – disse João Garcia, sorridendo e srotolando una serie di piccole provocazioni, la linea più emozionante di un corteggiamento in cui era la quarta o quinta volta che si parlava. Ma il cane era insofferente e minacciava di trascinare la cuccia vicino a Margarida. Era un cane da guardia, un «coda-mozza» di Terceira, una specie di bulldog tarchiato di color della crusca. João Garcia gli vide le orecchie tagliate e attente, dall'interno della tenuta, in un salto a pendolo che gli metteva l'inguine in bella mostra, e corrispondeva, in instabilità, alla posizione del fidanzato sulla rampa della terra della strada, che lo obbligava a scivolare e arrampicarsi alternatamente, per non perdere il contatto con il bordo della parete. E per di più, il vento cominciava ad attorcigliare le foglie dei faggi e dei cedri, e da giù della strada, era difficile capire quello che veniva detto in cima. Margarida si gettò sull'animale:

– Scìò! Vattene a dormire, *Açor*! Vattene a dormire! – E rimase con la mano appiattita sulla testa squadrata dell'animale, che mise sulle zampe di dietro l'inutile vigore da sentinella.

João Garcia aveva messo i piedi nella rampa e le mani sul muro, alzandosi come se stesse su una spalliera. La rabbia del cane lo riempiva di un'impudenza nervosa, come se Margarida fosse in pericolo o lo volesse mettere alla prova creandogli un nemico inferiore. Ora era *Açor* che lo vedeva in posizione d'attacco, solo la testa e i gomiti. Aizzato da quell'ombra, il cane si scagliò sulla padrona al volto, di aculei pungenti strozzati nel collare. Di slancio, Margarida scivolò; ma, afferrando rapidamente la giacca grigia che si era messa sulle spalle, affrontò l'animale, intimidendolo. João Garcia, con un salto, si era messo ai suoi piedi.

– Attento, che ti morde! – gridò Margarida; e, vedendo la codardia del cane e il pericolo di parlare ad alta voce: – Lascia... ci possono vedere! No, non è stato niente. Mi sono solo strappata la gonna. – Si agitò. Ma la rapidità della scena le aveva fatto immediatamente dimenticare che João Garcia si trovava dalla parte interna della tenuta; lasciò che gli prendesse la mano graffiata dalla caduta, attento alla ferita come un vero infermiere. – Non è successo niente. – Ma c'era lo stesso qualche goccia di sangue. Si girò verso il cane: – Stupido! Stai giù! Ah, che stupido!

Açor sembrava davvero spogliato della sua pelle di cane da guardia, con gli occhi stupiti e fissi su quella coppia misteriosamente formata, con una trepidazione nei labbroni pendenti, pieni di bava. Come se gli avessero sconvolto il suo campo d'azione: l'ombra nemica era all'interno di un luogo che aveva l'obbligo di mantenere pulito da tutti i volti che lì osavano entrare soli, ma se accompagnati dai proprietari non aveva nulla da fiutare. E se conservava un residuo di impulso nella schiena e nel muso anelante, tradotto in un ringhiare che il vento portava in duetto, perché c'è sempre un intervallo tra una caduta di corrente e il blocco del motore.

Allora Margarida si rese conto della situazione in cui si trovavano, e tornata al punto in cui la sua recente intimità con João Garcia regrediva al vecchio imbarazzo di due sconosciuti, gli disse:

– Vai via! Possono vedere dalla strada...

– Non vedono. Con me per strada è poco prudente. Ora che ci separeremo, ti dico che andrà meglio. Questa gente qua del quartiere è pettegola; ma come dovrebbe essere? Quando torno sarà un'altra cosa. Se farò il concorso...

Se sarò nominato... Anche se arriverò terzo... Il terzo deve andare a Bragança; è freddo... Da lì a un anno... no? Rimase in attesa, prendendole la mano con dolcezza. Margarida lo ascoltava come se fosse lontana e arrivasse molto lentamente al calore di tali proposte.

– Solo Dio sa che cosa ci aspetta, da qui a là... – E, vedendosi un'altra volta tra João Garcia e il cane ancora diffidente che si grattava un orecchio con la zampa, si mise in ascolto della strada. Era al muro: passa della gente di continuo.

João Garcia spiò, in punta di piedi; due figure si stavano affacciando all'inizio della curva, seguiti da ombre deformi:

– Mio zio Ângelo e il Pretextato... Vanno a fare un giro. Quanto più vicini saremo alla luce, peggio è!

Al nome di Ângelo Garcia, in Margarida diminuì quell'agitazione in cui la presenza dell'innamorato e i nervi del cane la mettevano. Il ricordo di quell'effeminato risvegliava in lei la superbia dei Clarks, quel sentimento massiccio, nauseato e un po' cinico, che aveva contribuito a far correre Januário Garcia dall'ufficio alla casa Clark & Sons e ha coinvolto la famiglia Garcia in un disdegno più snob che rancoroso. Le venne in mente Ângelo coi baffetti sistemati dall'arricciacapelli, faccia da ragazza, il capello rosso e melato sotto il cappello a cilindro, che percorreva le case di Horta con il suo piedino arretrato. L'idea del nonno sempre malato in casa le si associò alla rapida repulsione.

Il padre – fuori. La madre – seduta ai piedi della *voltaire* del nonno, avvolta in un *cachiné* delle lunghe notti, con un'irritazione a cui la sua forma romantica dava una poesia stonata, propria delle persone che piangono e ridono, senza sapere di cosa. Guardò la villa inghiottita nel buio della tenuta, appena visibile grazie alla scia di luce che veniva dalla stanza del nonno rompersi nella finestra del salotto. Una raffica d'aria fece scuotere gli abeti e i cedri, sollevandole il lembo della giacca e una ciocca di capelli.

João Garcia aveva nuovamente la mano di lei nelle sue, ma quella pausa è come se l'avesse amputato dal braccio di Margarida. Stava quasi per dirgli che se ne andava, attratta dai muri della casa, quando sentì meglio il calore di quell'uomo fermo in mezzo agli alberi, lì ai suoi piedi e a una distanza che il viaggio di Lisbona la faceva diventare malinconica e senza fine. João Garcia sembrava capire quel movimento intimo e la calmò:

- Non avere paura. Non sono forse vicino a te e non tornerò fra qualche mese?...
- Ma parliamo così da poco, e poi entrare nella tenuta così di notte! Se ci vedessero...
- Tuo padre viene tardi.
- A volte entra dal cancello del sentiero...
- Salto il muro.

I cedri ricominciarono ad agitarsi bruscamente. Ora le guizzate del vento si ripetono. Veniva preciso nel silenzio e metteva alla prova fortemente gli alberi, che per un attimo ha descritto un cerchio completo, come trottole nel torpore. Ma tra le due raffiche la tenuta si serrava di nuovo; rimaneva tutto compatto, sotto un respiro. Un odore di lava salata e linfa di cedro ubriacava.